

## Uma abordagem sobre o ensino de língua estrangeira no Brasil e acepções sobre tradução

### *Une approche de l'enseignement de langue étrangère au Brésil conceptions sur la traduction*

Ady Sá Teles Santana<sup>1</sup>

Ana Maria de Jesus Nobre<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo trata do tema relacionado ao ensino de língua estrangeira, no contexto brasileiro, fazendo-se uma reflexão sobre seu histórico e a noção de tradução analisada pela perspectiva de Arrojo (1997), além de abordar o conceito de *desconstrução* desenvolvida por Derrida (2005). Para tanto, é feito um breve histórico do Ensino do Francês no Brasil, percorrendo de forma sumária os séculos XVIII, XIX, XX, XXI, até a atualidade. Verifica-se ainda o que informa o Conselho de Europa (2001) sobre as competências e habilidades no ensino de línguas estrangeiras que devem ser desenvolvidas pelo estudante aprendiz. Esse texto faz parte da pesquisa de doutoramento sobre o ensino de literatura de língua estrangeira através das traduções feitas pelo poeta francês Jean Pierre-Rousseau (2002) dos textos do poeta brasileiro Patativa do Assaré (1978). A proposta aqui apresentada é a de divulgar parte da abordagem teórica e histórica desse estudo que se encontra em andamento.

Palavras-chave: Língua Estrangeira; Tradução; Ensino; Cultura.

**RESUME:** Cet article fait référence au sujet de l'enseignement de langue étrangère, au contexte brésilien, en faisant réfléchir sur l'histoire de cet enseignement et l'idée de traduction analysée através la théorie d'Arrojo (1997), en outre il s'agit du concepte de *déconstruction* développée par Derrida (2005). Pour ça, on fait un aperçu de l'enseignement de français au Brésil, en faisant un parcours aux XVIII, XIX, XX, XXI<sup>em</sup> siècle, jusqu'à l'actualité. On observe est-ce que dit le « Conseille d'Europe » (2001), sur les compétences et habilitées dans l'enseignement de langue étrangères lequelles les apprenants doivent développer. Ce texte est partie de la recherche de doctorat sur l'enseignement de littérature de langue étrangère através des traductions réalisés par le poète Jean Pierre Rousseau (2002) des textes du poète brésilien Patativa do Assaré (1978). La proposition présentée ici, c'est de montrer une partie de l'approche théorique et historique de cet étude qui est en développement.

Mots-clé: Langue étrangère; Traduction; Enseignement; Culture.

## Introdução

A língua estrangeira, seja ela qual for, se caracteriza por ser diferente da língua que falamos e aprendemos ainda quando criança em nosso desenvolvimento natural com nossos familiares e na comunidade onde vivemos. É uma língua que se aprende formalmente a qual pertence a outro universo cultural e social diversificado e estranho ao convívio cultural em nossa comunidade. O francês é uma língua estrangeira para nós que

<sup>1</sup> Professora Assistente da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Doutoranda em Educação pela FUNIBER/Brasil – UNINI – México.

<sup>2</sup> Diretora de tese de doutoramento e doutora em Didática das Línguas e das Culturas pela Universidade de Sorbonne.

vivemos em um país de língua portuguesa, pois foram os portugueses os primeiros a colonizarem e contribuir para a formação do povo brasileiro. Apesar disso, há uma forte ligação entre a cultura brasileira e a cultura francesa, pois no período da colonização europeia, muitos estrangeiros também de origem francesa tiveram um papel fundamental na formação de nossa cultura, porém não houve uma colonização francesa oficial e significativa no “Brasil Colônia”, mas mesmo assim, os franceses tiveram uma grande influência em nossa sociedade.

Dessa forma, o aprendizado do francês em nosso país é formal e só se tornou conhecido a partir do momento em que a França passou a ser uma sociedade influenciadora de diversas culturas ocidentais. Isso aconteceu principalmente após a Revolução Francesa, fato histórico de grande relevância cultural e social que será tratado no decorrer desse artigo junto a outros acontecimentos históricos relativos ao ensino do Francês no Brasil. Para isso, desenvolvemos a seguir um percurso histórico que permite visualizar o processo de ensino aprendizagem das línguas estrangeiras, em nosso país, com ênfase no francês.

### **Século XX e XXI**

No contexto educacional brasileiro, muitas são as discussões sobre ensino e aprendizagem entre especialistas da área de educação, como Libâneo (2014), Demo (2003) e outros. A exemplo disso, questões relativas a avaliação da aprendizagem do aluno, problemas referentes à leitura e interpretação de textos na escola básica e no ensino superior, além de como ensinar através da pesquisa, porém as dificuldades ainda são inúmeras, principalmente no que se refere ao ensino de língua estrangeira. A LDB, (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996), Lei 9394/1996 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) trazem uma perspectiva de ensino de línguas estrangeiras que visem à pluralidade, assim como a diversidade cultural, acordando com a noção de ensino pautado na aprendizagem integral do educando. O Marco Comum de Referência para o Ensino de Línguas Estrangeiras (Conselho da Europa 2001) - traz objetivos baseados numa aprendizagem funcional em que o aprendiz precisa desenvolver as quatro competências e habilidades linguísticas: falar, compreender o que ouve, ler e escrever.

Na sequência, vemos o que diz o Conselho da Europa 2001 sobre as competências e habilidades que o aprendiz é capaz de desenvolver chegando ao nível mais elevado C2 tendo início no nível básico A1 do aprendizado das línguas estrangeiras modernas:

### **NIVEL DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES**

C2 (O aprendiz) É capaz de compreender, sem esforço, praticamente tudo o que ouve ou lê. É capaz de resumir as informações recolhidas em diversas fontes orais e escritas, reconstruindo argumentos e factos de um modo coerente. C1 (O aprendiz) É capaz de compreender um vasto número de textos longos e exigentes, reconhecendo os seus significados implícitos. É capaz de se exprimir de forma fluente e espontânea sem precisar de procurar muito as palavras. B2 (O aprendiz) É capaz de compreender as ideias principais em textos complexos sobre assuntos concretos e abstractos, incluindo discussões técnicas na sua área de especialidade. É capaz de comunicar com um certo grau de espontaneidade e de à-vontade com falantes nativos, sem que haja tensão de parte a parte. B1 (O aprendiz) É capaz de compreender as questões principais, quando é usada uma linguagem clara e estandardizada e os assuntos lhe são familiares (temas abordados no trabalho, na escola e nos momentos de lazer, etc.). É capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na região onde se fala a língua-alvo. A2 (O aprendiz) É capaz de compreender frases isoladas e expressões frequentes relacionadas com áreas de prioridade imediata (p. ex.: informações pessoais e familiares simples, compras, meio circundante). A1 (O aprendiz) É capaz de compreender e usar expressões familiares e quotidianas, assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas.

(Adaptado do Marco Comum Europeu, Conselho da Europa, 2001, p. 49).

Observando cuidadosamente o que diz o Conselho da Europa sobre os seis níveis, verifica-se que o aprendizado de uma língua estrangeira ultrapassa os limites da língua por si só, indo além, para seus aspectos culturais e sociais. O aprendiz deve desenvolver competências e habilidades diversas que lhe proporcionarão um crescimento intelectual e profissional amplo e significativo para sua realidade social e cultural. A literatura é uma representação da realidade que se estabelece no espaço de apropriação do autor e revela uma possibilidade de assimilação de um objeto que se dilui no pensamento de quem escreve através do texto literário, logo, ensinar literatura de língua estrangeira é ensinar sobre a vida e isso é fundamental para o aprendizado de uma Língua Estrangeira (Doravante LE).

O processo de ensino aprendizagem, em qualquer área do conhecimento, requer do estudante e do professor um envolvimento recíproco no qual as duas partes envolvidas devem estar em sintonia, buscando um mesmo objetivo que se encontra no aprendizado significativo. Um dos principais estudiosos e teóricos da Educação brasileira, Paulo Freire desenvolveu seus estudos tendo como base uma Educação libertadora e significativa na

qual o sujeito aprendiz deve ser autônomo e o professor deve criar possibilidades para o crescimento intelectual desse sujeito, Freire (2015). Chiarella (2015), em consonância com Freire afirma que:

A educação problematizadora busca estimular a consciência crítica da realidade e a postura ativa de alunos e professores no processo ensino-aprendizagem, de forma que não haja uma negação ou desvalorização do mundo que os influencia. Sendo assim, a educação é encarada como um ato político, e as relações estabelecidas entre alunos e professores devem ser embasadas em interações de respeito entre sujeitos e cidadãos, de modo a construir conhecimento crítico e centrado na busca pela autonomia.

(Chiarella, 2015, p. 419).

Nesse sentido, o processo de ensino aprendizagem de literatura de língua estrangeira precisa estar inserido no contexto educacional a que se faz referência para poder ser significativo e coerente com as demandas da realidade em questão. Para isso, deve se levar em consideração as necessidades e possibilidades presentes nesse processo. Aqui, o que nos interessa é a aprendizagem da literatura de língua francesa dos estudantes de Francês da UEFS e como essa aprendizagem pode se tornar significativa através das traduções dos textos de Patativa do Assaré.

### **Breve histórico do ensino do francês no Brasil: séculos XVIII, XIX e XX**

No tocante às discussões sobre o ensino de literatura e de língua francesa em nosso país, é válido ressaltar que ainda no Brasil Colônia o francês já era uma das línguas estrangeiras ensinadas graças à Reforma Pombalina, assim denominada porque foi criada pelo Marquês de Pombal, uma das principais e influentes personalidades da época aqui no Brasil. “O decreto do Alvará de 28 de junho de 1759 torna o ensino responsabilidade do Estado, tirando, então, o poder antes exercido pela Igreja” (Arruda, 2016, p. 08). Logo, o francês e outras línguas estrangeiras passam a ser conhecidas e estudadas. A denominada Missão Francesa em 1808 com a chegada da Família real portuguesa ao Brasil trouxe inúmeros artistas franceses que influenciaram sobre maneira a cultura nacional. Conforme afirma Arruda (2016):

Em 1808, com a chegada da família real ao Brasil, muitas mudanças políticas e culturais aconteceram, dentre elas há de fato o acréscimo do francês e do inglês ao currículo escolar justificado pelo promissor comércio estrangeiro e também pelo fato de as línguas francesa e inglesa já possuírem um valor peculiar no velho continente depois da independência dos Estados Unidos (1776) e da Revolução Francesa (1789).

(Arruda, 2016, p. 08).

Com isso, Francês foi difundido no Brasil, principalmente pelo fator cultural através do qual a Revolução Francesa teve um papel fundamental na propagação dessa cultura em vários países do ocidente, assim como em suas antigas colônias, as quais sofreram a intervenção cultural e política dominante na época. A predominância da cultura francesa interfere tanto nos padrões e costumes brasileiros, como também nas artes em geral, a exemplo da literatura, da pintura, da escultura etc. Além disso, a língua portuguesa falada no Brasil tem uma grande influência da língua francesa, através da qual se percebe a inclusão de inúmeros vocábulos que foram adaptados ao português brasileiro. Exemplo disso, palavras como “garçon”, “lingerie”, “restaurant”, “abajur”, e outras foram aportuguesadas, sendo utilizadas com uma escrita e muitas vezes com sentido diferente. Salienta Arruda (2016) que:

O auge da língua francesa em nosso país se deu durante a Era Vargas , com a Reforma Capanema, em 1942: o francês era disciplina obrigatória ofertada tanto para o ginásio (atual ensino fundamental 2) como pelo colegial (atual ensino médio), em um total de 13 horas de aula por semana, ficando a frente do inglês e do espanhol (História do Ensino de Línguas no Brasil, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília). Tal reforma privilegiava a metodologia direta e valorizava outras questões além da mera instrumentalização da língua, tais como a formação educativa e cultural dos alunos.

(Arruda, 2016, p. 09).

É fundamental ressaltar que ainda na primeira metade do século XIX, o Brasil passa a ter a língua francesa como disciplina que faz parte do currículo escolar em instituições de ensino formalizadas. De acordo com Pietraróia (2008):

O ensino obrigatório da língua francesa na escola secundária brasileira teve início no século XIX, em 1837, com a criação do Colégio Pedro II, instituição imperial destinada à formação secundária e cujos currículos, enciclopédicos, apresentavam-se com uma feição predominantemente literária.

(Pietraróia, 2008, p. 08)

O Colégio Pedro II se ocupava de ensinar as línguas estrangeiras no intuito de formar leitores de textos literários e enciclopédicos. Nesse período, a escola tinha a língua francesa como obrigatória e era ensinada através do método tradicional, no qual a língua era um mero instrumento de tradução e análise gramatical. O objetivo principal era

traduzir os textos clássicos e não o aprendizado da língua propriamente dita. Apenas se trabalhar com a forma escrita da linguagem, na qual a literatura funcionava como instrumento de tradução. No entanto, a forte influência cultural e política da França, pós Revolução traz uma perspectiva diferente para a cultura brasileira, pois os ideais revolucionários acabam interferindo na formação intelectual e social do Brasil do final do século XIX ao início do século XX.

A denominada Belle époque (Pinheiro e Rodrigues 2012) se traduz nas artes plásticas, na literatura na escultura e na arquitetura brasileiras com uma influência de artistas franceses e portugueses na formação cultural da sociedade brasileira em vários aspectos. Isso aconteceu, justamente entre os anos de 1880 até as primeiras décadas do século XX. Tanto à literatura francesa quanto à literatura portuguesa influenciam os escritores brasileiros da época em questão. Autores franceses a exemplo de Victor Hugo, Chateaubriand entre outros e portugueses como Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, etc. contribuem para a literatura brasileira formada a partir daí. Temos Castro Alves, Gonçalves Dias e muitos outros que vêm na sequência, influenciados e inspirados nessa literatura especificamente francesa e portuguesa.

### **Estudos recentes sobre ensino de línguas estrangeiras, literatura francesa e francófona no Brasil**

Encontram-se, estudos sobre a literatura francófona e sobre clássicos da literatura francesa hoje, no Brasil, a exemplo de Humberto Luiz Lima de Oliveira (2017), Josilene Pinheiro-Mariz (2014), Maria Angélica de Oliveira (2014) Dennys da Silva Reis e Jocileide da Costa Silva (2013). Há interesse grande por parte de estudiosos e pesquisadores no tocante ao processo de ensino aprendizagem de línguas estrangeiras, principalmente sobre o ensino da língua inglesa. O ensino da língua francesa possui alguns estudos voltados para a literatura, específicos que serão tratados na sequência dessa pesquisa, porém poucos são acessíveis e atualizados. A maioria do material encontrado e disponibilizado é da área da língua inglesa, o que nos permite salientar a relevância da nossa pesquisa para estudos posteriores.

Sobre o processo de ensino aprendizagem de literatura de língua francesa através das traduções de poemas populares não há indícios de estudo aqui no Brasil, porém foram encontrados alguns trabalhos sobre o ensino de literatura de língua inglesa no âmbito da

aprendizagem da língua a exemplo de Oriston Marden Bandeira de Melo Júnior (2015) que desenvolveu uma pesquisa de doutoramento na qual faz, dentre outras análises, um estudo sobre o ensino de literatura de língua inglesa nos cursos de letras. O estudioso apresenta parte dos resultados da pesquisa em artigo, publicado em revista, no ano de (2015), cujo objetivo principal é discutir as dificuldades encontradas na sala de aula pelos professores que se deparam com alunos, os quais, segundo o pesquisador, não possuem a competência linguística necessária para ler os textos na língua estrangeira (a inglesa).

Fernanda Mota (2010) em seu artigo *Leitura e[m] ensino de língua estrangeira* faz uma reflexão sobre o uso de textos literários nas aulas de língua inglesa, ressaltando que a utilização é quase nula e no entanto é um instrumento que se mostra de grande valia na sala de aula de língua estrangeira. Na sua análise Mota (2010) observa que a literatura traz uma gama de possibilidades no tocante ao aprendizado de uma língua estrangeira, visto que representa realidades e simula situações, ou seja, a literatura é uma possibilidade para se desenvolver a estratégia de simulação na sala de aula, pois permite a criação e a invenção de realidades.

Josilene Pinheiro Mariz (2007) em sua tese de doutorado intitulada *O texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE)* faz uma reflexão sobre o uso de texto literário nas aulas de língua estrangeira, mais especificamente o francês (FLE), ressaltando as questões relacionadas às crenças de críticos literários e linguistas, os quais, muitas vezes acreditam não ser possível unir literatura a aula de língua estrangeira. A autora salienta que houve uma evolução no ensino de LE, mas que as mudanças não se concretizam em algo positivo no que se refere à literatura de língua estrangeira na sala de aula, considerando que seu uso se limita às análises gramaticais. O objetivo principal de Mariz (2007) é discutir a relevância do texto literário nas aulas de LE, em particular (FLE) ressaltando a polissemia e as possibilidades de estudos mais específicos da linguagem literária.

Frank da Silva Gonçalves (2013) no artigo *A literatura no livro didático de Francês Língua Estrangeira* trata da utilização do texto literário como pretexto para o ensino da gramática de língua estrangeira. O autor analisa a coleção de manuais didáticos de FLE Tout va bien! Objetivando compreender o uso da literatura nessa coleção, Gonçalves (2013)

salienta a falha na utilização desses textos no que se refere ao estudo das questões sócio culturais, visto que a prioridade são as regras e padrões gramaticais.

Aprender uma língua estrangeira é mais que decodificar palavras e frases, é principalmente, conhecer outra cultura, outra forma de pensar e conceber o mundo ao seu redor. É também conhecer-se a si mesmo, através do olhar do outro, é perceber-se como diferente, mas igual enquanto ser humano e isso proporciona uma reflexão que nos leva a compreender as diferenças e respeitar para ser respeitado.

Essa proposta também possibilita uma reflexão sobre o humano e o indivíduo construto e construtor de sua sociedade. Aqui se estuda especificamente o uso dos textos populares de Patativa do Assaré traduzidos para a língua francesa nas aulas de literatura de língua francesa como forma de incentivo para o estudante que optou por fazer parte de um curso de língua estrangeira na realidade em que vive: a brasileira, uma realidade social e linguística diferente daquela que vem estudando na universidade, mas que se aproxima da sua através do texto literário.

### **Reflexões sobre tradução e a *desconstrução* de Derrida**

As discussões sobre tradução são diversas dentre elas há os que acreditam em tradução fiel e os que veem a tradução como um ato de liberdade de criação. Outros afirmam ser o processo tradutório misto no qual a fidelidade e a liberdade de criação caminham lado à lado. Na nossa proposta, o verbo traduzir é sinônimo de diálogo de interlocução, fazendo-se presentes autor-leitor-texto-leitor-autor-texto. Aqui um conjunto complexo que forma a noção de tradução como processo criativo fiel e que se estabelece segundo o estatuto de Kristeva (2005).

O texto tomado nessa tese como modelo de intercultura e análise discursiva será a tradução dos poemas de Patativa do Assaré, poeta brasileiro, feita pelo francês Jean-Pierre Rousseau. Barthes (2007) viajando ao Japão, trouxe uma leitura desafiadora em seu livro *L'Empire des signes*, "Império dos signos" na tradução de Leyla Perrone Moisés (2007). O autor afirma que:

A massa rumorosa de uma língua desconhecida constitui uma proteção deliciosa, envolve o estrangeiro (desde que o país não lhe seja hostil) numa película sonora que bloqueia, a seus ouvidos, todas as alienações da língua materna: a origem, regional e social daquele que a fala, seu grau de cultura, de

inteligência, de gosto, a imagem através da qual ele se constitui como pessoa e pede para ser reconhecido.” (Barthes, 2007, p.17).

Nessa perspectiva, a língua estrangeira surge como um referencial para o reconhecimento do outro, no qual o autor se encontra imerso no universo alheio (o Japão) disposto a ver e ser visto. Além de encontrar e ser encontrado, num movimento mútuo de interlocução que possibilita uma imersão linguística totalmente diferente da sua língua materna. O signo da língua oriental, completamente diferente da sua reconstrói os signos reconhecidos por seu universo linguístico. Desenhos e formas são a expressão deste “novo” signo linguístico numa sintaxe estranha à sua. Traduzir é então um desafio.

No tocante à tradução fiel, há o que se refletir, pois existe um espaço inócuo no qual a língua traz em si as implicações linguísticas de seu território, aqui não um lugar em si, mas o lugar da língua que se traduz, suas variações e especificidades, o que torna a ideia de tradução fiel um tanto quanto esvaziada de sentido. Se se considera que há no signo linguístico a polissemia e que há na própria língua as diversidades linguística que a constituem estão presentes indefinidamente, como ser fiel a um texto, ao traduzi-lo? No entanto, pretende-se traduzir no sentido literal da palavra, ou seja, se quer expressar a ideia do Outro e uma dada língua, há que ser fiel a essa proposta, pois o que se pretende é possibilitar ao leitor a inserção no texto de outrem.

Exemplo disso, ao citar Kristeva (2005) no início desse capítulo, há como base a tradução e interpretação que a autora faz do dialogismo em Bakhtin, ou seja, tem-se aqui a proposição de um autor russo que escreveu em sua língua materna, mas é interpretada e traduzida em uma outra língua, não obstante, a tradução da tradução é feita em língua portuguesa por uma autora brasileira. Nesse emaranhado linguístico, encontramos três línguas que se aproximam por um objetivo: o da tradução da noção de dialogismo que inicialmente é vista em russo. Arrojo (1997), afirma que:

[...] traduzir é uma atividade extremamente complexa. Cada tradução (por menor e mais simples que seja) exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e duas culturas diferentes, e esse confronto é sempre único, já que suas variáveis são imprevisíveis. (p. 78).

Dessa forma, como se traduzir fielmente quando a imprevisibilidade é real nesse processo? O que de fato se quer traduzir? O que é mesmo uma tradução? Tais perguntas são difíceis de serem respondidas, no entanto, levando-se em consideração o conceito de Desconstrução apresentado por Derrida (2005), pode-se fazer uma análise mediante a

proposição de que o mero ato de fidelidade no processo tradutório não contempla a noção de tradução, visto que, na desconstrução a possibilidade de tradução é re-significada como um ato de rasura, em que o texto é tomado como um palimpsesto, uma reescrita do que já foi escrito e apagado.

Essa noção de Derrida não é simples de ser interpretada, porém ela permite compreender a leitura e interpretação como um ato de inovação, no qual a palavra no espaço tradutório se caracteriza como uma rasura estabelecida pela leitura e apropriação do significado através do significante, que Saussure interpretou como signo linguístico. O autor de *Linguistique générale*, em seu tempo trouxe uma proposta de estudo da linguagem que revolucionou os estudos linguísticos e proporcionou à linguística o estatuto de ciência da linguagem.

No entanto, Derrida, toma como base a teoria de Saussure para mostrar que não há significado latente na palavra per se, mas que existem as rasuras que interferem na leitura da palavra, esta que se insere num dado contexto linguístico, dando um novo significado ao texto e/ou a palavra, aqui vista como um texto. Assim, a tradução surge como um texto que não só interpreta uma ideia de outro texto, mas também faz uma interpretação da interpretação, na qual o texto traduzido é suscetível de rasura no sentido *latu*.

Arrojo (1997), em seu livro *Oficina de tradução*, afirma ainda sobre o ato tradutório que:

[...] nossa tradução de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto original, mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constituir-lo, ou seja, a nossa interpretação do texto de partida, que será como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos.

Além de ser fiel à leitura que fazemos do texto de partida, nossa tradução será fiel também à nossa própria concepção de tradução. (Arrojo, 1997, p. 44).

A autora salienta que, as escolhas linguísticas dos vocabulários feitas pelo tradutor, interferem no processo de tradução, dando significados diversos ao texto, os quais se definem através das interpretações feitas no processo de apropriação do texto de partida pelo autor tradutor dando-lhe uma nova perspectiva. O que se percebe na interpretação de Arrojo (1997) é uma resignificação do conceito de fidelidade, aqui não como tradução fiel no seu sentido tradicional, mas como uma proposta de ser fiel ao processo de

tradução na qual o tradutor se insere como pessoa que sente, pensa e assim reflete sobre o que lê, tendo como resultado um processo criativo.

Percebe-se logo que Arrojo dialoga com Derrida no tocante à ideia de tradução, visto que para o autor que utiliza o conceito de Desconstrução não como um método a ser seguido, mas como uma proposta a ser analisada, a tradução é a representação da apropriação que o tradutor faz do texto de partida e nessa apropriação há uma nova forma, um novo sentido, um novo texto, ou outro texto que surge a partir dessa interlocução entre autor-texto-texto-autor. De Menezes (2013), ao interpretar o conceito de desconstrução utilizado por Derrida em *De la grammatologie*, afirma que:

A desconstrução é uma abertura do Outro. A desconstrução é a abertura do texto e da linguagem. [...] segundo a concepção de Derrida as diferentes significações de um texto poderão ser descobertas, decompondo a estrutura da linguagem na qual ela é redigida. Desta feita, Derrida estima que a desconstrução seja uma “prática narrativa”. (p. 180).

Com efeito, percebe-se que a ideia de desconstrução apresentada por Derrida traz uma perspectiva de análise sobre o “Outro” através da linguagem, o que nos permite dizer que na tradução de uma dada obra há a presença constante desse “Outro” que se constrói na leitura do texto, mas não “um outro” como estrangeiro, ou língua estrangeira, e sim aquele que aparece nas inferências dadas pela leitura, no próprio processo de tradução, no qual o tradutor “desconstrói” e “reconstrói” o texto partindo da rasura que o encobre.

O que se percebe, diante do exposto por Derrida na fala De Menezes (2013) é uma reflexão que se insere no texto enquanto discurso, a palavra aparece como texto/discurso e ela conduz a representação da simbologia da linguagem, não como definição contextual, mas como elemento simbólico que desconstrói para reconstruir e em seguida ser desconstruída. A complexidade do pensamento do autor franco-argeliano nos leva a questionamentos que nos fazem refletir sobre o conceito de tradução. E o que de fato é a tradução para Derrida? No nosso entendimento, o conceito de Tradução é substituído por Desconstrução para o autor porque não há espaço suficiente na noção de tradução para comportar o ato de traduzir.

Entendemos aqui, que as origens linguísticas de Derrida interferem sobre maneira nessa proposta apresentada em sua teoria filosófica. E isso reafirma que as dificuldades existentes na possibilidade de se traduzir um texto ou palavra/texto, só comprova ainda

mais a ausência da proposta antiga de tradução fiel e corrobora o que Arrojo chama de fidelidade à leitura ou às leituras do texto de partida, o que faz da tradução uma criação, uma demonstração do pensamento e sensações de quem traduz.

Refletindo sobre tais conceitos, percebe-se quão difícil e árduo é o trabalho do tradutor, pois sua responsabilidade e desejo caminham juntos no momento em que se propõe a traduzir. Ao mesmo tempo, que “pretende mostrar” um pensamento de outrem, ele “quer mostrar” o seu próprio pensamento, ou interpretação que faz do “pensamento” do outro, mas aqui, estamos falando do pensamento, enquanto texto/discurso, considerando que é o “texto” o elemento de interlocução entre os dois pensamentos, ou seja, é através do texto que existe o diálogo entre as culturas envolvidas no processo de tradução. Então, estamos falando de algo que vai além, ou ultrapassa as fronteiras da(s) língua(s).

Façamos uma leitura: uma palavra francesa como *La pluie* que em português se traduz como Chuva, para um nordestino que mora em uma região de clima seco e quente, se traduz de várias maneiras, a exemplo disso, palavras como esperança, fartura, plantação, felicidade, festa junina, etc. podem ser a representação simbólica de chuva para o Nordeste brasileiro. Palavras estas que nem sempre fazem parte do mesmo campo semântico, porém se encontram nas representações que fazem da realidade na qual se insere o verbete chuva.

Para um francês, onde a chuva é abundante e não existe problema de seca ou falta de chuva para a plantação, a noção ou ideia de chuva se esvazia e aparece de outra(s) forma(s) que não a(s) mesma(s) do contexto do Nordeste brasileiro. Logo o tradutor se ocupa de “tentar” levar esses significados no texto que traduz, ou busca ser “fiel” à forma do texto, surgindo aí um dilema, pois como ser fiel ao texto original (ou de partida) em sua forma e ao mesmo tempo ser fiel ao pensamento expresso no texto?

Constatamos como é complexo o processo tradutório e como Derrida e Arrojo têm razão ao falarem de desconstrução e processo criativo no tocante ao assunto, pois como também analisamos dessa maneira a tradução, a noção de criatividade é uma escolha que fazemos ao tratar dessa questão. Nela se concentram nossos esforços e é a partir dessa proposta que traremos em discussão a tradução de texto poético, como informado anteriormente. Os textos que temos como modelo são as traduções dos poemas de Patativa do Assaré para a língua francesa pelo francês Jean Pierre Rousseau.

No que se refere à tradução de textos poéticos, a complexidade é ainda maior, visto que uma das principais características dos poemas é a linguagem. A linguagem poética tanto em forma quanto em conteúdo é uma linguagem que podemos denominar de privilegiada. Tal privilégio pode ser explicado na noção de codificação e decodificação de palavras em níveis de leituras diversos, visto que a metáfora e a polissemia são constantes nesse tipo de texto. O texto poético é livre em sua essência. Ele permite e nos permite compreender as coisas do mundo através de sua linguagem figurada, desenhada e representada.

Rousseau, em entrevista, diz que ao traduzir os poemas de Patativa, buscou/tentou ser fiel ao texto original. Ele afirma ainda que o ritmo e a métrica do poema do autor nordestino são representados nas traduções que fez. No entanto percebe-se que para manter esse ritmo e essa sintonia com o texto de partida, o autor francês “peca” no que tange a outros elementos do poema. E isso porque a linguagem em sua totalidade, assim como em sua limitação não permite determinados processos na transposição de uma língua para outra.

Observamos por exemplo a palavra *niversitário*. Considerando que o *verbete* em português é uma variação da língua falada no Nordeste do Brasil, o autor francês a traduz como *universitaire*, variação da linguagem culta que em português é *universitário*, e assim também em francês faz parte da variação padrão da língua culta. Se como disse o autor, houve fidelidade na tradução, encontra-se nesse momento um equívoco, pois onde está a fidelidade? No texto de partida, ou na proposta de tradução? Na forma, no conteúdo, na linguagem? Como é difícil se chegar há uma definição sobre o conceito de fidelidade aqui. Se Rousseau se referiu à forma do texto em sua estrutura, versos, rimas estrofes, etc. talvez, seja possível falar em fidelidade, mas ainda há o que se questionar, no entanto, se falamos de linguagem, expressões idiomáticas, conceitos, representação simbólica da realidade, etc. há o que se questionar.

Ora, a dificuldade encontrada nessa percepção é característica do processo de tradução, pois como já falamos anteriormente, traduzir não é tarefa fácil e conceituá-la é mais difícil ainda. No entanto, nosso interesse não é encontrar uma definição ideal para o conceito de tradução, mas sim mostrar que ao se traduzir um texto, coloca-se em questionamento a noção de fidelidade no tocante ao processo de tradutório e que uma tradução é resultado

de um pensamento e de sensações de alguém que se propõe a traduzir, sendo assim um processo criativo.

Cabe aqui mais uma demonstração dos conceitos dados por Derrida. No livro *Théorie d'ensemble* (1980), o texto do autor franco-argeliano *La différance* faz parte dessa coletânea na qual estão presentes grandes nomes da filosofia e da literatura em língua francesa. Sobre o tema Derrida (1980) afirma:

Écrire “différant” ou “différance” (avec un a) pourrait déjà avoir l'utilité de rendre possible, sans autre note ou précision, la traduction de Hegel en ce point précis qui est aussi un point absolument décisif de son discours. Et la traduction serait, comme elle doit toujours l'être, transformation d'une langue par une autre. Naturellement je tiens que le mot « différance » peut servir aussi à d'autres usages : d'abord parce qu'il marque non seulement l'activité de la différence « originaire » mais aussi le détour temporisateur du différer[...] (p. 55).

Observa-se, tendo o pensamento de Derrida como exemplo, que as palavras em sua estrutura possibilitam ao leitor uma diversidade de significados. Tomamos o exemplo do autor “différance” com a e “différant” que também se escreve com a vogal a, tais quais se aproximam em sentido e forma, mas que são escolhas de quem escreve e traduz. A escolha da palavra em si pertence ao universo do leitor que traduz, é ele que atribui significado ao texto e só ele pode “explicar” ou dizer o porquê de tal ou tal escolha, além disso, a leitura do vocábulo depende da apropriação de quem lê.

No âmbito da análise de Derrida, a palavra “différence” com e que é utilizada como elemento de comparação com “différance” traz uma discussão plausível para o filósofo, pois, apesar das diferenças de significado, as duas são pronunciadas da mesma forma em língua francesa e existe uma aproximação entre os elementos que as constituem. O autor que traz a tona o conceito de desconstrução salienta que a palavra se constrói a partir do que é e do que não é, ou seja, da sua negação.

Assim, a desconstrução equivale ao seu não ser: construção. O que se constrói ao se traduzir é resultado da destruição no sentido do texto que se estabelece como modelo ou princípio do processo de tradução. A palavra em si mostra uma revolução da escrita, na qual o escritor perfura o texto, quebrando as partes que o constituem. Nessa quebra, os pedaços são vistos como um quebra-cabeça que deve ser montando pelo tradutor. Cada palavra deve ser vista e revista, através do texto e pelo texto. E nesse processo de decomposição e composição há o elemento essencial da desconstrução que é a

alteridade. De Menezes (2013), afirma que o momento supremo da desconstrução é “[...] a alteridade da alteridade.”. (p. 195).

Entendemos com isso que o processo de tradução aparece como a diferença que se constitui no/do texto pela alteridade que ele representa. Logo, percebemos que o texto traduzido surge como uma rasura do texto de partida, mas não um defeito do texto e sim uma representação da representação daquele que foi tomado como modelo. A tradução aqui se apresenta como uma forma de interpretação e leitura estabelecida pela apropriação e ressignificação da palavra no texto. O conceito de palimpsesto funciona para essa proposta, visto que nele há a rasura da rasura, ou ainda, a representação da representação daquilo que se pretende enquanto tradução de um texto por outro. E se tomarmos as possibilidades existentes na execução do trabalho do tradutor, teremos que levar em consideração as várias formas de representação possíveis, pois se pensarmos que uma obra escrita pode ser traduzida ou interpretada de diversas maneiras deve-se considerar, não o texto em si, mas a leitura do texto e o “leitor” que há por trás dele, além do conhecimento de mundo e outros elementos que convergem para sua interpretação.

O que não se pode perder de vista, é a noção de tradução que se discute nessa análise. E para isso apresentamos acima a teoria de Derrida em diálogo com Arrojo, porque estamos certos de que a tradução é um texto, sendo assim um produto de criação, mas que não se esgota nela mesma, visto que nenhum texto se esgota nele mesmo. Logo voltamos ao que Kristeva afirma sobre a palavra como um complexo sêmico que deve ser entendida vertical e horizontalmente, pois nela há o autor/leitor (quem escreve), o leitor/autor (quem lê e escreve), o contexto (o espaço tempo da palavra).

Analisemos agora o tradutor enquanto pessoa: Quais aspectos o tradutor deve levar em consideração ao traduzir um texto? O que faz dele um “bom” tradutor e conseqüentemente sua tradução ser considerada como uma “boa” tradução? Lembrando-se do que dissemos acima: “traduzir não é tarefa fácil”. Numa reflexão sobre o que foi dito até aqui, seria redundante dizer o porquê dessa afirmação, mas para que não fique dúvidas é preciso lembrar-se da noção de tradução de uma língua para outra língua, o que envolve, o seu léxico, o seu vocabulário e, acima de tudo, a sua “cultura”, e é nesse aspecto, principalmente que chamamos a atenção para as dificuldades em se traduzir um texto, uma palavra que seja.

O entendimento que é dado ao termo deve ser visto no espaço/tempo de quem escreve, mas também de quem lê, e é nesse instante que o leitor/tradutor deve se permitir inserir-se no espaço tempo do “outro”, o autor/leitor. Essa inserção é um modo de tomar para si o que é do outro, porém esse tomar para si, envolve o elemento apropriação, no qual está o leitor como alguém que se apropria do universo simbólico de outro. Esse universo já permite por si só uma leitura de mundo, ou seja, é a representação da representação.

O que o leitor vê é a representação de um mundo dado pelo autor/leitor, uma possibilidade entre outras de ver e olhar e nesse momento ele faz uma leitura da leitura colocando suas impressões resultando na tradução: no texto. A escolha da palavra para se traduzir depende de vários elementos, desde os significados possíveis até ao espaço/tempo que nos referimos. Arrojo (1997), afirma que: “Além de aprender a “ler” e a “escrever” o tradutor deve manter-se informado a respeito das teorias e dos estudos sobre tradução [...]” (p. 78). Ou seja, enquanto pessoa que traduz um texto de uma língua para outra, o tradutor precisa conhecer os recursos e mecanismos linguísticos, além de outros elementos que envolvem o espaço da língua/alvo necessários para a tradução, tanto como escritor como quanto leitor, mas também deve compreender o processo tradutório em seus aspectos teóricos e práticos para poder fazer uma tradução eficaz.

Roland Barthes no capítulo A língua desconhecida, do livro já citado, traduzido por Leyla Perrone Moisés (2007), dá início a esse texto da seguinte forma:

O sonho: conhecer uma língua estrangeira (estranha) contudo, não a compreender: perceber nela a diferença, sem que essa diferença seja jamais recuperada pela sociabilidade superficial da linguagem, comunicação ou vulgaridade; conhecer, refratadas positivamente numa nova língua, as impossibilidades da nossa; aprender a sistemática do inconcebível; desfazer nosso real sobre o efeito de outros recortes, de outras sintaxes; descobrir posições inéditas do sujeito na enunciação, deslocar sua topologia; numa palavra, descer ao intraduzível[...] (p. 11).

Observamos que o autor de O império dos signos traz à tona as dificuldades em se traduzir uma língua, em se deslocar de um espaço linguístico para outro desconhecido e estranho e começa mostrando que é um sonho poder conhecer e adentrar nessa língua. Lógico que a língua de referência de Barthes nesse livro é oriental por se tratar do Japão, país de escolha do autor para tratar dos signos, e isso influencia sobremaneira na concepção de diferença entre a sua língua materna ocidental e aquela do outro. Uma

língua de estrutura completamente diferente da sua, porém que desperta curiosidade e vontade de compreensão.

### **Considerações finais**

Conhecendo uma língua estrangeira, estamos conhecendo um mundo novo, mas que se aproxima do nosso em termos globais como a política, o amor, a religião, a família, o ódio, etc. Quando propomos um estudo como esse, queremos mostrar as várias possibilidades de conhecimento da língua estrangeira. Através dessa análise verificou-se que o ensino do Francês no Brasil ainda está vinculado ao aprendizado da língua como instrumento de conhecimento gramatical ou de interesse específico de um grupo de pessoas que estão em um nível de escolaridade mais avançado e com isso, pouco há o que se observar sobre o aprendizado da literatura de língua francesa em nossa sociedade. No que se refere às acepções de tradução aqui apresentadas e que não se limitam a um conceito unilateral, propõe-se uma possibilidade a mais de aprendizado da língua francesa e estrangeira, de um modo geral, através de textos de autores brasileiros traduzidos para outras línguas, mostrando para o estudante de língua estrangeira que sua cultura interage com outras e essa interação proporciona um melhor entendimento sobre a sua própria cultura assim como a cultura de outrem. Nesse sentido, o aprendizado passa a ser mais atraente, envolvendo ambas as partes (ensino e tradução) numa perspectiva do conhecimento mais aprofundado e significativo para a atuação profissional do futuro professor de língua estrangeira.

### **Referências**

ARRUDA, Larissa. 2016. **UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO DO ENSINO DE FLE NO BRASIL: origens, contatos culturais e evoluções políticas.** Cadernos Neolatinos 2016.2. <https://revistas.ufrj.br/index>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2019.

ASSARÉ. Patativa do. 1978. **Cante lá que eu canto cá.** Petrópolis: Vozes.

BANDEIRA DE MELO JUNIOR, Oriston. 2015. **O Ensino de Literatura em Língua Inglesa no Curso de Letras: uma abordagem didático-pragmática.** [www.scielo.br/pdf/bak](http://www.scielo.br/pdf/bak). Acesso em: 19 de agosto de 2017.

BARTHES, Roland. 2007. **O império dos signos.** Tradução: Leyla Perrone-Moisés. Editora: Martins Fontes, São Paulo.

CONSELHO DA EUROPA. 2001. **QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA AS LÍNGUAS** – Aprendizagem, ensino, avaliação. COLECÇÃO: PERSPECTIVAS ACTUAIS/EDUCAÇÃO. [http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro\\_Europeu\\_total.pdf](http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf). Acesso em 29 de janeiro 2019.

GONÇALVES, Frank da Silva. 2013. **A literatura no livro didático de Francês Língua Estrangeira**. REVELE-Seted. www.periodicos.letras.ufmg.br. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

FREIRE, Paulo. 2015. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

KRISTEVA, Júlia. 2005. **Introdução à Semianálise**. 2 ed. São Paulo Perspectiva.

LDB.1996. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. **Lei 9394 de vinte de dezembro de 1996**. portal.mec.gov.br. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

LIBANEO, José Carlos. 2014. **DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO E A ABORDAGEM DA DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL NA ESCOLA**. <http://www.uece.br/endipe>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.

MARIZ, J. P. 2007. **O texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE)**. 284 f. (Tese Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. file:///C:/usuario/Downloads/Teses-josilene-pinheiro-mariz.pdf. Acesso em 20 de agosto de 2017.

MOTA, Fernanda. 2010. **Literatura e [m] Ensino de Língua Estrangeira**. Fólio: Revista de Letras, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 101-111, jan/jun. periodicos.uebs.br/index.php. Acesso em: 19 de agosto de 2017.

PIETRARÓIA, Cristina Casadei. 2008. **A importância da língua francesa no Brasil: marcas e marcos dos primeiros períodos de ensino**. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, São Paulo, 37 (2): 7-16, maio-ago. 2008. <http://www.gel.hospedagemdesites.ws>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2019.

ROUSSEAU Jean-Pierre. **Poésie du Nordeste du Brésil**. 2012. [http://www.les-cahiers-bleus.com/Poesie-du-Nordeste-du-Bresil-n-15-des-Nouveaux-Cahiers-Bleus-par-Jean-Pierre-Rousseau\\_a61.html](http://www.les-cahiers-bleus.com/Poesie-du-Nordeste-du-Bresil-n-15-des-Nouveaux-Cahiers-Bleus-par-Jean-Pierre-Rousseau_a61.html). Acesso em : 10/03/2015.

SOLLERS, Philippe. 1980. **Théorie d'ensemble**. Tel Quel. Éditions du seuil, Paris.

SOUZA, José Pinheiro de.1998. **Teorias da tradução: uma visão integrada**. Revista de Letras, número 20, Vol ½, dez/jan., p. 51-6.

*Recebido em: 26/06/2019*  
*Aprovado em: 03/07/2019*